

# um

## TEMPO, CLIMA E TURISMO

Raphael de Carvalho Aranha, PUC-SP | Mario Festa, USP

AS PESSOAS DIVERGEM COM relação aos tipos preferidos de tempo. Há as que preferem frio, calor, chuva, neve, tempo nublado ou aberto, entre outros. Como para tudo na vida, não existe consenso.

Porém, quando se associa a percepção de cada pessoa sobre o tempo atmosférico com a prática do turismo, percebe-se que esse leque de preferências diminui, já que a maioria das pessoas, para viajar, prefere tempo aberto e calor. A sazonalidade do turismo prova essa afirmação. Basta verificar que, no período de inverno, a procura por um cruzeiro no Mediterrâneo ou uma excursão ao Egito é bem escassa.

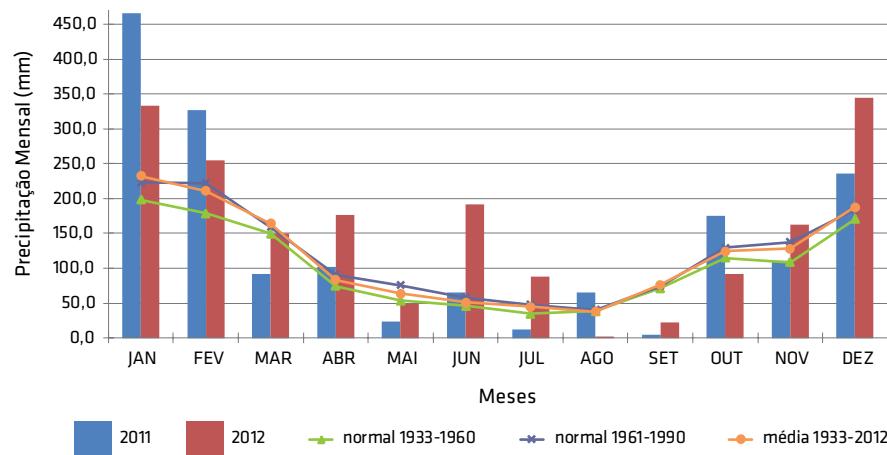
### 1.1 PREVISÃO DO TEMPO E TURISMO

A Meteorologia, a ciência da atmosfera, originou-se do tratado *Meteorologia*, do filósofo grego Aristóteles, de 354 a.C., referente ao termo *metéoros*, cujo significado original era “suspenso no ar”. Essa ciência compreendia estudos sobre Física, Geografia e a própria Meteorologia.

O tempo, no sentido meteorológico, é o estado da atmosfera caracterizado pelas condições de nebulosidade, temperatura, pressão atmosférica, grau de umidade, vento, radiação solar e pelos fenômenos que ocasionalmente podem ocorrer, como chuva, neve, granizo,

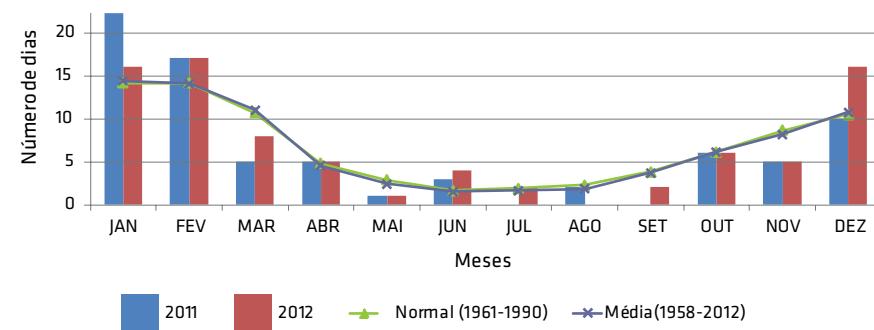
Os gráficos das Figs. 1.1 e 1.2, extraídos dos dados da Estação Meteorológica do IAG-USP, sediada no Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, no bairro da Água Funda, na cidade de São Paulo, mostram algumas variáveis sobre a distribuição média anual da precipitação e das trovoadas.

Durante o período de inverno, o tempo na cidade de São Paulo apresenta-se seco e bastante ensolarado, o que pode durar vários dias seguidos, em



**FIG. 1.1** Precipitação mensal observada na Estação Meteorológica do IAG-USP

Fonte: IAG-USP (2011).



**FIG. 1.2** Ocorrência de trovoadas em 2011/2012 observadas na Estação Meteorológica do IAG-USP

Fonte: IAG-USP (2011).

O Quadro 1.2 teve como base a classificação genética dos climas proposta por Strahler (1969), e apresenta, de forma resumida, as características de temperatura e pluviosidade dos principais tipos climáticos, os quais são representados em diversos mapas e atlas geográficos disponíveis no mercado.

**QUADRO 1.2 TIPOS CLIMÁTICOS BASEADOS NA CLASSIFICAÇÃO DE STRAHLER**

Tipo climático	Temperatura	Amplitude térmica	Pluviosidade
Equatorial	Elevada	Baixa	Elevada
Tropical (clássico)	Elevada	Baixa	Elevada - inverno seco/verão chuvoso
Tropical (litorâneo)	Elevada	Baixa	Elevada
Tropical (semiárido)	Elevada	Baixa	Baixa
Tropical (altitude)	Elevada (suavizada pela altitude)	Baixa/ moderada	Elevada
Subtropical	Elevada (média do mês mais frio está abaixo de 18 °C)	Baixa/ moderada	Elevada
Temperado (oceânico)	Suave/ moderadamente elevada no verão; Suave/ moderadamente baixa no inverno	Moderada	Moderada
Temperado (continental)	Moderadamente elevada/elevada no verão; Baixa no inverno	Elevada	Moderada
Temperado (mediterrâneo)	Elevada no verão; Suave/ moderadamente baixa no inverno	Moderada	Moderada - inverno chuvoso/verão seco
Frio	Baixa	Moderada/ elevada	Baixa/ moderada
Polar	Baixa (verões curtos com médias próximas de 0 °C e iluminados/invernos longos e com baixa luminosidade)	Elevada	Baixa
Desértico	Elevada/baixa	Elevada (diária e sazonal)	Baixa

TAB. 1.5 SENSAÇÃO TÉRMICA

Temperatura real (°C)	Velocidade do vento (km/h)													Sensação térmica correspondente (°C)									
	7	11	14	18	22	25	29	32	36	40	43	47	50	54	58	61	65	68	72	76	79	83	86
-6	-7	-11	-14	-16	-18	-20	-21	-23	-24	-25	-26	-26	-27	-28	-28	-29	-29	-29	-30	-30	-30	-30	-30
-5	-6	-10	-13	-15	-17	-19	-20	-21	-22	-23	-24	-25	-25	-26	-26	-27	-27	-28	-28	-28	-28	-28	-28
-4	-5	-9	-11	-14	-16	-17	-19	-20	-21	-22	-23	-24	-24	-25	-25	-26	-26	-26	-26	-27	-27	-27	-27
-3	-4	-8	-10	-13	-14	-16	-17	-18	-19	-20	-21	-22	-22	-23	-23	-24	-24	-25	-25	-25	-25	-25	-25
-2	-3	-6	-9	-11	-13	-15	-16	-17	-18	-19	-20	-20	-21	-22	-22	-22	-23	-23	-23	-23	-23	-23	-23
-1	-2	-5	-8	-10	-12	-13	-14	-16	-17	-18	-19	-19	-20	-20	-21	-21	-21	-22	-22	-22	-22	-22	-22
0	-1	-4	-7	-9	-10	-12	-13	-14	-15	-16	-17	-17	-18	-18	-19	-19	-20	-20	-20	-20	-20	-20	-20
1	0	-3	-5	-7	-9	-11	-12	-13	-14	-14	-15	-16	-16	-17	-17	-17	-18	-18	-18	-18	-19	-19	-19
2	1	-2	-4	-6	-8	-9	-10	-11	-12	-13	-14	-14	-15	-15	-16	-16	-16	-16	-17	-17	-17	-17	-17
3	2	-1	-3	-5	-6	-8	-9	-10	-11	-11	-12	-13	-13	-14	-14	-14	-15	-15	-15	-15	-15	-15	-15
4	3	0	-2	-4	-5	-6	-8	-8	-9	-10	-11	-11	-11	-12	-12	-13	-13	-13	-13	-14	-14	-14	-14
5	4	1	-1	-2	-4	-5	-6	-7	-8	-9	-9	-10	-10	-11	-11	-11	-12	-12	-12	-12	-12	-12	-12
6	5	3	1	-1	-3	-4	-5	-6	-6	-7	-8	-8	-9	-9	-10	-10	-10	-10	-10	-10	-10	-10	-11
7	6	4	2	0	-1	-2	-3	-4	-5	-6	-6	-7	-7	-8	-8	-8	-9	-9	-9	-9	-9	-9	-9
8	7	5	3	1	0	-1	-2	-3	-4	-5	-5	-5	-6	-6	-6	-7	-7	-7	-7	-7	-7	-7	-7
9	8	6	4	3	1	0	-1	-2	-3	-3	-4	-4	-4	-5	-5	-5	-5	-5	-5	-6	-6	-6	-6
10	9	7	5	4	3	2	1	0	-1	-1	-2	-2	-2	-3	-3	-3	-4	-4	-4	-4	-4	-4	-4
11	10	8	7	5	4	6	2	1	0	0	-1	-1	-1	-2	-2	-2	-2	-2	-2	-2	-2	-2	-2
12	11	9	8	6	5	4	4	3	2	2	1	1	1	0	0	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
13	12	10	9	8	7	6	5	4	4	3	3	3	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1
14	13	12	10	9	8	7	6	5	5	4	4	4	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	2
15	15	13	12	11	10	9	8	7	7	6	6	6	5	5	5	6	6	6	6	6	6	6	6
16	16	14	13	12	11	10	9	8	7	7	7	7	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6
17	17	15	14	13	12	11	11	10	9	9	8	8	8	8	8	8	8	8	7	7	7	7	7
18	18	16	15	14	13	13	12	11	11	10	10	10	10	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
19	19	17	16	15	14	13	13	12	12	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11	10	10	10	10
20	20	18	17	17	16	15	15	14	14	13	13	13	13	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12

Fonte: Brasil (s.n.t.-q).

# dois

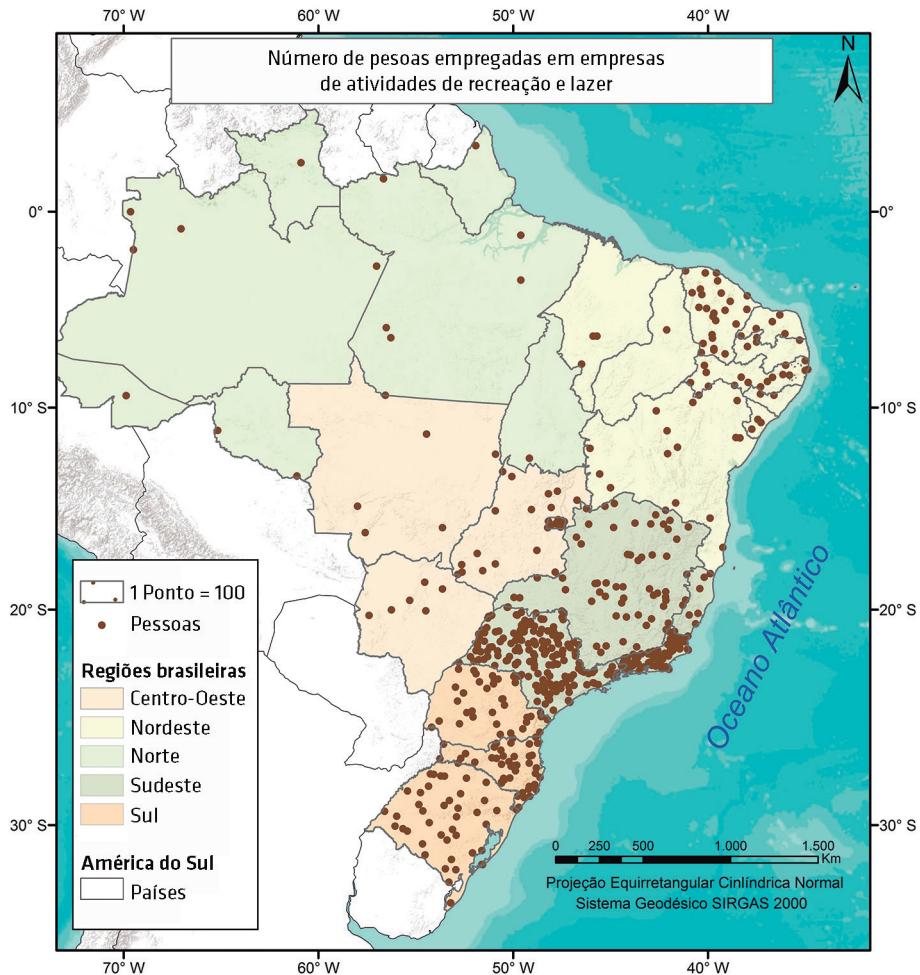
## CONCEITOS E APLICAÇÕES CARTOGRÁFICAS DIANTE DAS NECESSIDADES DA CARTOGRAFIA TURÍSTICA

Manoel do Couto Fernandes, UFRJ | Alan José Salomão Graça, UFRJ

NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, a disseminação de informações espaciais por meio da internet e das redes televisivas tem aumentado em grau de conhecimento, bem como despertado a curiosidade de certos grupos de pessoas que visam conhecer locais distantes ou mesmo próximos de seu local de moradia. Aqueles que dispõem de recursos e estão motivados a realizar viagens para outras localidades representam o público-alvo do turismo.

Os propósitos de “cartografar” as informações turísticas são variados. Eles podem ser destinados a compreender direções e intensidades de fluxos monetários e/ou relativos à mobilidade humana temporária entre áreas emissoras e receptoras; atender a fins de planejamento macroeconômico; e mapear áreas com potencial para exploração turística, direcionando a ação de gestores para a captação de recursos e a geração de uma infraestrutura complementar à atividade. Até mesmo a construção de mapas com a orientação de trilhas e atrativos para visitação em parques florestais configura um dos propósitos da cartografia voltada para o turismo.

Este capítulo procura discutir alguns conceitos de cartografia e turismo aplicados às concepções de espacialização e representação da informação turística. Partindo do arcabouço de discussões apresentado por Fernandes,



**FIG. 2.1** Mapa para planejamento turístico: número de pessoas empregadas em empresas de atividades de lazer e recreação

Fonte dos dados: Sidra/IBGE ([www.sidra.ibge.gov.br](http://www.sidra.ibge.gov.br)).

Para que esse mapa turístico atinja os objetivos a que se propõe, uma característica que deve acompanhar toda informação cartográfica turística é a ordenação das informações em diferentes hierarquias, conjugadas com uma visão global da área. Essa ordenação deve fornecer informações adicionais que permitam ao usuário se posicionar no espaço e no tempo de forma simples e direta, sem deixar margem para dúvidas. Dessa forma, a receptividade, por parte do turista, das informações contidas em um mapa de orientação torna-se um elemento essencial a qualquer documento com esse propósito.

Nos mapas turísticos, é muito comum a apresentação de informações com dimensionalidade pontual ou de representações com manifestação pontual (Martinelli, 2003). Segundo Monmonier (1993), os símbolos pontuais não expressam apenas a localização da informação cartográfica, pois também descrevem atributos importantes dessas feições por meio de sua forma, tamanho e orientação ou mesmo pela concentração ou dispersão de pontos.

Os símbolos pontuais podem ser classificados, de acordo com seu formato, em símbolos geométricos (círculos, triângulos e retângulos, entre outros) (Kimerling et al., 2009; Robinson et al., 1995) ou sinais convencionais (Joly, 1990), pois necessitam de uma legenda complementar para serem lidos corretamente no contexto do tema mapeado.

Os símbolos também podem ser pictóricos (Menezes; Fernandes, 2013; Robinson et al., 1995) ou pictogramas (Brewer, 2005; Joly, 1990), correspondendo a símbolos figurativos facilmente reconhecíveis, com uma semelhança quase direta entre o objeto real e sua feição cartográfica. Em representações tridimensionais, esses símbolos figurativos ganham maior detalhe, e são denominados pictográficos (Kimerling et al., 2009).

Outro tipo de símbolo pontual representa uma combinação entre símbolos geométricos e figurativos, gerando formas associativas (Robinson et al., 1995) ou miméticas (Kimerling et al., 2009). Esse tipo de símbolo, de fácil assimilação, é empregado em placas de sinalização vertical, o que facilita sua utilização em mapas turísticos, como será posteriormente discutido. Autores como Brewer (2005) e Joly (1990) não reconhecem esse terceiro tipo de símbolo, enquadrando-o no grupo dos símbolos pictóricos.

A transformação cognitiva que resulta em símbolos pontuais pode assumir um caráter quantitativo ou qualitativo. Para usuários envolvidos com o planejamento turístico, é muito comum as representações temáticas contarem símbolos pontuais quantitativos, em que as variações de tamanho em linha, área ou volume expressam uma noção clara de ordem ou hierarquia dentro do tema mapeado (Monmonier, 1993). Já os mapas destinados a visitantes, como são mais direcionados para localização, utilizam amplamente símbolos pontuais qualitativos, tanto pictóricos quanto pictográficos, como miniaturas dos objetos reais, ou mesmo símbolos miméticos.

À primeira vista, o uso de símbolos pictóricos detalhados é o mais indicado para orientar turistas. No entanto, esses elementos figurativos são de fácil assimilação apenas para aqueles que de fato conhecem o formato dos lugares. Uma vez que o objetivo é melhor guiar o turista, desenhos mais simples podem ser mais úteis que miniaturas de objetos reais, principalmente se esses ícones corresponderem a códigos de sinalização conhecidos. Como exemplo, tem-se a sinalização vertical turística adotada pelo Brasil (Fig. 2.11). Usada em placas padronizadas, seu emprego em mapas turísticos facilita a leitura dos visitantes, pois estabelece um diálogo claro entre o espaço real e o mapeado.

De acordo com Worm (2001), nos mapas turísticos voltados para web, os símbolos pontuais, além de indicarem as localidades de interesse para visitação, abrem portas para *hyperlinks* atrelados ao símbolo, que permitem acessar outros níveis de informação relativa àquele local. Na aplicação dessa simbologia pontual, deve existir a preocupação de não tornar os símbolos muito complexos, pois isso comprometeria o tempo de carregamento do mapa na



**FIG. 2.11** Exemplos de simbologia de sinalização vertical para pontos turísticos

Fonte: adaptado de Brasil (2001).

# três

## GEOMORFOLOGIA APLICADA AO TURISMO

Antonio Jose Teixeira Guerra, UFRJ | Maria do Carmo Oliveira Jorge, UFRJ

ESTE CAPÍTULO SE PROPÕE a desenvolver conceitos, temas e aplicações relacionados à Geomorfologia, e, concomitantemente, a aplicabilidade desses conceitos na atividade turística vinculada ao meio físico, mais precisamente ao relevo.

Como importante fenômeno que atua na produção do espaço geográfico, o turismo como prática social e atividade econômica tem criado territórios que se orientam segundo sua demanda de uso, presente na intencionalidade do turista (Godinho et al., 2011). De acordo com Aranha e Guerra (2011), apesar de as raízes históricas do turismo estarem ligadas à atração cultural, o ambiente natural apresenta-se cada vez mais como objeto de desejo para os turistas ocidentais. Na perspectiva do ambiente natural, está presente a modalidade do ecoturismo, que dá destaque aos aspectos relacionados ao meio biótico, como a fauna e a flora, os quais estão diretamente ligados aos elementos do meio físico, como as rochas, o relevo e os recursos hídricos (Godinho et al., 2011).

A apropriação do espaço pela sociedade evidencia a importância que o relevo possui diante da necessidade de uso e ocupação e, ao mesmo tempo, mostra o antagonismo a essa ocupação, já que determinados lugares possuem fatores limitantes a seu uso. Assim, o relevo

na dinâmica da comunidade biótica, o que, por sua vez, pode acarretar em mudanças no meio abiótico, retroalimentando-se na comunidade biótica e na própria estrutura funcional da paisagem, que é de importância fundamental para a atividade turística.

### **3.4 FEIÇÕES GEOMORFOLÓGICAS DE INTERESSE TURÍSTICO**

Existem diversas feições geomorfológicas de grande interesse turístico, embora, na maioria das vezes, nem o turista nem o turismólogo as conheçam por seus termos técnicos. Muitas delas podem apresentar restrições quanto ao uso, razão pela qual necessitam de estudos de avaliação.

Nesta seção, listamos apenas alguns desses termos, em ordem alfabética, sempre que possível acompanhados de fotos que possam explicá-los e caracterizá-los bem. Esses e outros milhares de termos podem ser encontrados, com mais riqueza de detalhes, em Guerra e Guerra (2012). Apesar da enorme quantidade de termos geológicos e geomorfológicos de interesse para o turismo, selecionamos apenas quarenta, com o objetivo de auxiliar os turismólogos e todos os interessados por essa temática.

**Bacia hidrográfica** - Conjunto de terras drenadas por um rio principal e seus afluentes. O conceito de bacia hidrográfica também deve incluir uma noção de dinamismo, por causa das modificações que ocorrem nas linhas divisoras de água por efeito dos agentes erosivos, com alargamento ou diminuição da área da bacia.

**Baía** - Reentrância da costa, menor que a de um golfo, pela qual o mar penetra no interior das terras. Um exemplo é a baía de Guanabara.

**Cabo** - Denomina a parte proeminente da costa, que avança em direção ao mar. O aparecimento desses acidentes topográficos no litoral está ligado à erosão diferencial, que deixa em saliência as rochas mais duras e destrói as mais tenras. Um exemplo brasileiro é o cabo Branco, no Estado da Paraíba.

**Cachoeira** - Queda-d'água no curso de um rio ocasionada pela existência de um degrau em seu perfil longitudinal. Essas diferenças de nível no leito de um rio podem ter sido causadas por falhas, dobras, erosão diferencial, diques etc.

**Cascata** - Sucessão de pequenos saltos em um rio nos quais aparecem blocos de rochas. Uma cascata representa certa quebra na uniformidade do declive, e é explicada pela resistência oferecida por certas soleiras ou bancos de rochas mais resistentes à erosão.

**Catarata** - Denominação usada como sinônimo de *cachoeira*. No Brasil, é muito rica a terminologia para caracterizar essa feição geomorfológica, de grande apelo turístico e de lazer.

**Caverna** - Concavidade subterrânea profunda, comum em terrenos calcários (Fig. 3.1). O mesmo que *gruta*.

**Cordilheira** - Grandes massas de relevo saliente produzidas por orogenia (Fig. 3.2). Assim como cadeia de montanhas ou serra, é um termo usado geralmente na descrição física de uma região.



**FIG. 3.1** Caverna em rocha calcária na serra do Cipó (MG)

Foto: Antonio Paulo Faria.

# quatro

GEOLOGIA E ESTUDO DA PAISAGEM  
APLICADOS AO TURISMO

Guilherme Hissa Villas Boas, UFRJ | Mônica dos Santos Marçal, UFRJ

O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES do turismo no Brasil alcançou, nas últimas décadas, um importante estágio de desenvolvimento, disseminação e interesse nacional e internacional. A contribuição da Geologia nessas atividades pode ser considerada fundamental, por representar a base da estrutura da paisagem, estabelecendo a relação entre o turismo e a paisagem observada, vivida e sentida.

A Geologia é uma área das Geociências estudada há vários séculos. Por si só ela oferece inúmeros subsídios para a sociedade entender os processos de evolução da Terra e da ocupação humana sobre ela. Seus conhecimentos vêm sendo utilizados pelos mais diferentes atores da sociedade na construção de estradas, na mineração e na prevenção de desastres naturais, por exemplo.

O turismo, por sua vez, configura-se como uma atividade social que utiliza, ou melhor, “consume” o espaço, e que pode ser analisada por diversas abordagens: econômica, política, cultural e ambiental, entre outras. Desse modo, a relação entre o turismo e a Geologia somente seria possível em uma perspectiva geográfica que levasse em conta fatores ambientais e socioeconômicos, em que valores de conservação e preservação se tornam relevantes.



**FIG. 4.4** Configuração instável e à deriva dos continentes no mundo atual, com destaque para as cadeias meso-oceânicas

Fonte: adaptado de Dietz e Holden (1970).

# cinco

## BIOGEOGRAFIA APLICADA AO TURISMO

Rosana dos Santos, FMABC

A BIOGEOGRAFIA É UMA CIÊNCIA de caráter multidisciplinar que tem como objetivo integrar disciplinas da Geografia e das Ciências Biológicas, como a Ecologia e a Biologia Evolutivas, além de outros campos do conhecimento, como a Geologia. Busca-se entender o processo de distribuição da biodiversidade e os ecossistemas no espaço geográfico ao longo do tempo geológico.

Entre as atribuições da Biogeografia, destaca-se, além da influência natural, a possibilidade de se diagnosticar a interferência antrópica (ação humana), o que permite construir “cenários” futuros e contribuir para a preservação e a conservação de áreas e espécies e, assim, apontar dados para mitigar ações negativas antrópicas (Troppmair, 2012).

O estudo dessa ciência possibilitou a criação de parques nacionais, áreas naturais protegidas e unidades de conservação (Fig. 5.1). Nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, graças ao fomento de pesquisas nessa área, foram observadas maior preservação e conservação de áreas naturais, que se transformaram em espaços com atributos ecológicos, importantes para a preservação da biodiversidade natural e o respeito às populações tradicionais, como indígenas, quilombolas e caiçaras, e que forneciam também um meio de lazer e contemplação do meio natural às populações urbanas (Diegues, 1998).

**QUADRO 5.1 EXTENSÃO DAS TRILHAS**

Curta distância	Média distância	Longa distância
Trilha de interpretação com caráter recreativo e educativo e até 2.500 m de extensão.	Trilha de interpretação entre 2.500 e 5.000 m de extensão.	Caráter recreativo, como viagens de travessia com mais de 5.000 m de extensão. Como exemplo, tem-se a travessia Petrópolis (RJ)/Teresópolis (RJ) através do Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

**QUADRO 5.2 CONDUÇÃO DAS TRILHAS**

Trilha guiada	Trilha autoguiada
Quando conduzida por um guia devidamente treinado para passar as informações técnicas de fauna, flora e história, e com capacidade para dar suporte de segurança ao turista. Geralmente é conduzida com um número reduzido de pessoas (entre 10 e 20) e, dependendo da trilha, pode haver mais de um guia em um mesmo grupo, para evitar acidentes e que turistas sejam esquecidos no caminho.	Permite que o turista realize a trilha sem o auxílio de um guia. É fundamental que existam, ao longo do trajeto, placas informativas de orientação quanto a ambiente, direção, distância e perigo, para evitar que o turista fique perdido na trilha.

**QUADRO 5.3 FORMA DAS TRILHAS**

Circular	Oito	Linear	Atalho
Do início ao fim da trilha, o turista não cruza com outros turistas nem repete o percurso.	Indicada para áreas restritas, aumenta a possibilidade de explorar o percurso e seus elementos naturais.	Diferentemente da forma circular, essa trilha possibilita o cruzamento com outros turistas na ida ou na volta e repete o percurso. É a forma mais usada, pois geralmente tem como destino um lago, rio, cachoeira, caverna, mirante etc.	Apresenta pontos de partida e chegada em diferentes locais da trilha. É recomendada apenas para pessoas que conhecem bem o local, pois em algumas áreas, no final da tarde, há a possibilidade de neblina, e a vegetação muito parecida pode causar confusão, fazendo com que o visitante corra o risco de se perder no ambiente.

# seis

## CULTURA E TURISMO

Altino Barbosa Caldeira, PUC-Minas

Os INFINITOS MODOS pelos quais as formas naturais foram dispostas sobre a superfície de nosso planeta revelam as riquezas de sua composição e causam encantamento aos seres humanos. No entanto, as diferentes organizações sociais e políticas e as combinações que resultam dos mais variados modos de ser e fazer o cotidiano das inúmeras comunidades que habitam esse singular universo tornam a vida sobre a Terra de tal modo diferenciado, e de uma amplitude tão vasta, que é verdadeiramente impossível a um ser humano conhecer e vivenciar tantas manifestações.

A curiosidade e o encantamento por ambientes que se diferenciam do lugar habitual despertam o interesse de muitos e fazem com que se sintam impelidos a viajar. Em seu país de origem, as comunidades ou os grupos dão continuidade às articulações que se formaram a partir de seus antepassados. No âmbito de suas atividades, forma-se o que se pode chamar de cultura, visto que as identidades se manifestam por meio das relações e práticas sociais, o que se torna condição determinante para o estabelecimento de uma memória própria em cada lugar.

A definição de cultura é cunhada do termo latino que significa “o ato, efeito ou modo de cultivar” (Ferreira,

# sete

## GEOPOLÍTICA E TURISMO

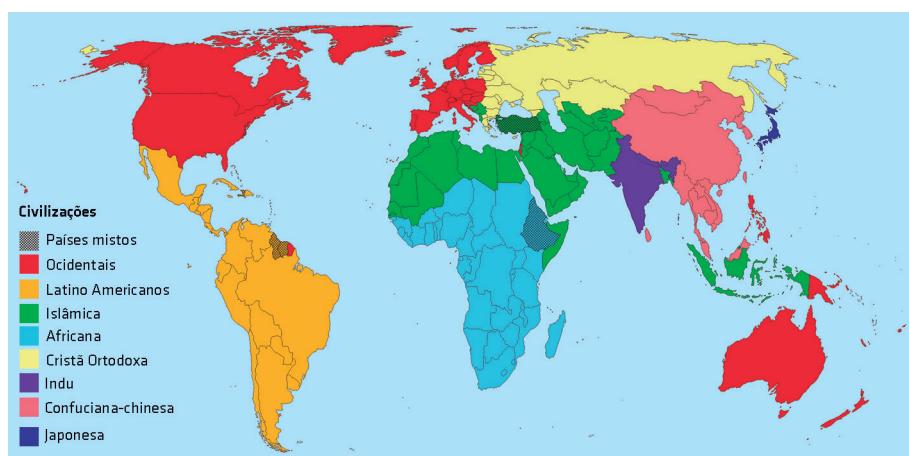
*Gustavo de Oliveira Coelho de Souza, PUC-SP*

QUANDO SE ABORDA o tema turismo e Geopolítica, logo vêm à memória os casos recentes de barramento da entrada de turistas brasileiros na Europa, sobretudo daqueles que procuraram a Espanha como porta de entrada, bem como as dificuldades impostas aos brasileiros que pretendem viajar para os Estados Unidos. O impedimento de brasileiros na Espanha causou constrangimento entre as autoridades dos dois países, tendo o Brasil levantado o direito de reciprocidade de exigências para turistas espanhóis. Já as restritivas exigências norte-americanas têm impedido o aumento do fluxo de turistas de ambos os países. De fato, os dois casos remetem a um dos principais preceitos do Estado nacional, que é o controle de acesso a seu território. Portanto, a princípio, não haveria o que estranhar na postura dos países que restringem a entrada de estrangeiros. O problema desses casos, no entanto, é que há assimetria na postura dos países do bloco europeu e dos Estados Unidos em relação ao Brasil, já que a lógica de imposição de restrições recai sobre o status não apenas econômico, mas principalmente político que as nações possuem no Sistema Internacional.

Um cidadão de Israel, por exemplo, tem muito mais facilidade de conseguir um visto de turista nos Estados Unidos que um brasileiro, mesmo que a economia do Brasil seja muitas vezes superior à israelense. Isso

Em outra linha de análise, discordando de seu colega norte-americano, Huntington (1998) apresentou a tese do *choque das civilizações*, mais próxima para se entender a relação que do turismo com essa nova ordem geopolítica. Como Fukuyama, Huntington apresentou essa tese em artigo na revista *Foreign Affairs*, em 1993, transformando-a em 1996 no livro *Choque de civilizações e a reconstrução da ordem mundial*. Sua tese principal é de que, com o fim da Guerra Fria, o Sistema Internacional gravitaria entre um sistema político caótico que poderia levar a um conflito generalizado entre as nações (o caos em que se encontravam as nações que compunham a ex-Iugoslávia na Guerra dos Balcãs e as revoltas nas antigas repúblicas que compunham a União Soviética, com a iminência de uma guerra civil na Ucrânia, justificavam essa perspectiva de Huntington) e a possibilidade de aparecer um “Superestado” que exerceria seu poder suserano sobre os demais. Mas ambas as possibilidades pareciam pouco prováveis de ocorrer. Uma possibilidade intermediária, no entanto, que envolveria conflitos entre nações segundo “blocos civilizacionais”, era possível.

Para Huntington, o mundo é composto por oito ou nove “civilizações” (Fig. 7.4), conforme se agrupem suas características culturais e religiosas. Ele deixa claro que essa classificação é uma generalização, e que esse conflito envolve essencialmente os antagonismos que todas as demais civilizações têm com a ocidental (composta basicamente por América do Norte, obviamente



**FIG. 7.4** Distribuição das civilizações segundo Huntington

Fonte: adaptado de Huntington (1998).

## 7.2 TURISMO, SISTEMA INTERNACIONAL E FRONTEIRAS

A atividade de turismo também foi objeto de preocupação dos agentes que organizaram o Sistema Internacional no pós-Segunda Guerra Mundial. Assim como para demais áreas, como cultura (por meio da Unesco), desenvolvimento (PNUD), agricultura e alimentação (FAU), saúde (OMS) e meio ambiente (PNUMA), as Nações Unidas também organizaram uma agência para o turismo. A Organização Mundial do Turismo (OMT) foi instalada, em 1974, a partir de sua aprovação pela Assembleia Geral das Nações Unidas (<http://www2.unwto.org/en>), e, como as demais agências, foi criada como organismo intragovernamental da Organização, tornando-se, em 2003, agência espacial. Sua sede é na cidade de Madri, na Espanha.

A OMT teve origem no Congresso Internacional de Organismos Oficiais de Turismo que ocorreu na cidade de Haia, na Holanda, em 1925, organizado em 1937 como União Internacional de Organismos Internacionais de Propaganda Turística (UIO IPT). A Segunda Guerra Mundial impediu que novos avanços fossem dados para criar um ambiente de acordos internacionais sobre o turismo, como ocorreu com as demais áreas temáticas que foram objeto de discussão entre as nações. Com o final do conflito, Londres sediou, em 1946, o Primeiro Congresso Internacional de Organizações Nacionais de Turismo, cuja principal decisão foi a aprovação da mudança do nome União Internacional de Organismos Internacionais de Propaganda Turística (UIO IPT) para simplesmente União Internacional de Organismos Oficiais de Turismo (UIOOT). Londres foi eleita sede provisória da instituição. A ideia era focar as discussões e futuros acordos na atividade de turismo stricto sensu, e sua missão seria organizar as agências nacionais de turismo. Nesse período, chegou-se a ter 88 membros representando tanto as agências estatais como agentes da iniciativa privada.

Nesse momento, o Sistema Internacional já contava com a existência da Organização das Nações Unidas, que acabou por abrigar, em 1948, a UIOOT como membro consultivo. Nesse mesmo ano foi criada a Comissão Europeia de Turismo, a primeira comissão regional da UIOOT, que foi seguida da Comissão Africana, em 1949; da Comissão do Oriente Médio, em 1951; da Comissão da Ásia Meridional e Oriental, em 1955 e 1956, respectivamente; e finalmente, em 1957, da Comissão Americana do Turismo. Em 1951, estabeleceu-se Genebra